

# Barroco

E U  
P A S-  
S O

T U  
P A S-  
S A S

E L E  
R A-  
L A

## Barroco

### A Arte da Indisciplina

O Renascimento deu ao homem o papel de senhor absoluto da terra, dos mares, da ciência e da arte. E o sentimento de que, por meio da razão, ele tudo podia. Mas até onde iria a aventura humanista?

No século XVII, por força de vários acontecimentos religiosos, políticos e sociais, valores religiosos e espirituais ressurgem, passando a conviver com os valores renascentistas.

A expressão artística desse momento de dualismo e contradição é o Barroco. Estudar esse movimento implica conhecer as condições em que vivia o homem da época, tanto na Europa quanto no Brasil colônia.

### A Linguagem do Barroco



*Sansão e Dalila (1609), de Rubens.*

O Barroco – arte que predominou no século XVII – registra um momento de crise espiritual na cultura ocidental. Nesse momento histórico, conviviam duas mentalidades, duas formas distintas de ver o mundo: de um lado o paganismo e o sensualismo do

Renascimento, em declínio; de outro, uma forte onda de religiosidade, que lembrava o teocentrismo medieval.

No século XVI, o Renascimento representou o retorno à cultura clássica greco-latina e a vitória do antropocentrismo. No século XVII, surgiu o Barroco, um movimento artístico ainda com alguns vínculos com a cultura clássica, mas que buscava caminhos próprios, condizentes com as necessidades de expressão daquele momento.

### **Do Texto ao Contexto do Barroco**

Leia, a seguir, alguns textos que relacionam a produção literária do Barroco ao contexto histórico-social e cultural em que floresceu.

### **Economia, política e sociedade no século XVII**

A sociedade europeia do século XVII vivia o período da revolução comercial, cuja política econômica, o mercantilismo, se baseava no metalismo, na balança de comércio favorável e no acúmulo de capitais. A burguesia despontava nesse contexto como classe de forte poder econômico. Porém, se a política econômica se mostrava aberta e favorecia a ascensão de setores populares, como a burguesia, o mesmo não se verificava em relação à estrutura social e à estrutura política.

A sociedade estava organizada em três classes impermeáveis: o clero, a nobreza e o Terceiro Estado, este formado pelos camponeses, pelos artesãos e pela burguesia. A burguesia, fortalecida pelo poder econômico que detinha, pressionava politicamente a nobreza e o rei, a fim de participar das decisões políticas do Estado.

Do ponto de vista político, consolidava-se o Estado absolutista, sistema político baseado na centralização absoluta do poder nas mãos do rei, que se considerava representante de Deus na Terra. Apesar de fechado politicamente, esse sistema atendia às necessidades da burguesia, para a qual convinha um governo centralizado que unificasse e ampliasse as condições do mercado nacional.

### **As Contradições do Barroco**

O gosto barroco pela aproximação de realidades opostas, pelo conflito e pelas contradições violentas está diretamente relacionado ao contexto sócio histórico.

Politicamente, por exemplo, o homem da época sentia-se oprimido, enquanto economicamente se via livre para enriquecer. Tinha possibilidade de ascender socialmente, mas a estrutura fechada de classes sociais do Antigo Regime não lhe permitia isso.

No plano espiritual, novas contradições: a influência do paganismo renascentista e dos prazeres materiais conviviam com a restauração da fé medieval e a revitalização da vida espiritual católica empreendidas pela Contrarreforma.

Por esse conjunto de razões é que se verifica na linguagem barroca, tanto na forma quanto no conteúdo, uma rejeição constante da visão ordenada das coisas. Os temas são aqueles que refletem os estados de tensão da alma humana, tais como vida e morte, matéria e espírito, amor platônico e amor carnal, pecado e perdão. A construção, por sua vez, acentua e amplia o sentido trágico desses temas, ao fazer uso de uma linguagem de difícil acesso, rebuscada, cheia de inversões e de figuras de linguagem.

Fruto da síntese entre duas mentalidades, a medieval e a renascentista, o homem do século XVII era um ser contraditório, tal qual a arte pela qual se expressou.

### **A Literatura Barroca e a Propagação da Fé Católica**

Se o século XVI, ainda renascentista, conseguiu combinar na literatura a visão de mundo cristã, o humanismo da época e o paganismo da literatura greco-romana, o século XVII distinguiu-se do anterior e do seguinte, na Península Ibérica, por uma visão eminentemente católica. Não mais cristã, simplesmente, mas católica, a partir de uma visão bastante dogmática do cristianismo.

O Concílio de Trento, que durou de 1545 a 1563, ligou ainda mais estreitamente a Igreja Católica e as monarquias ibéricas, imbricando Igreja e Estado de tal forma que os interesses e funções de ambos muitas vezes se confundiam. Esse casamento durou todo o século XVII, só estremecendo no século XVIII. Como Espanha e Portugal tinham ficado fora das reformas protestantes, foi neles que se concentrou a reação católica. Tratava-se de combater toda e qualquer manifestação que lembrasse algum traço dos movimentos protestantes e, ao mesmo tempo, de formular e difundir uma doutrina oficial católica.

Além disso, impunha-se participar da expansão ultramarina ibérica, com a finalidade de expandir também o catolicismo. Desse modo, o empenho doutrinador e a vigilância contra as heresias protestantes, que o clero e as ordens religiosas exerciam nas duas nações ibéricas, estendiam-se aos seus mundos coloniais no Oriente e no Ocidente.

[...] Com isso, mais que agradar e concorrer para aperfeiçoar as relações dos homens entre si, a literatura deveria participar dessa disputa ou dessa guerra [entre catolicismo e protestantismo], afirmando e reproduzindo no plano do sensível tudo aquilo que a Igreja pregava no plano do inteligível. O que não quer dizer que a literatura se tenha reduzido a isso. Mas para sua aceitação e difusão – já que todo livro ou publicação deveria receber a aprovação e licença da Mesa do Santo Ofício da Inquisição para não ser censurado – deveria passar por isso, demonstrar de alguma forma sua adequação às funções de afirmação e propagação da fé católica.

(Luiz Roncan. *Literatura brasileira – Dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. 2. ed. São Paulo: Edusp/FDE, 1995. p. 94, 96-7.)

## O Barroco no Brasil



*Profetas de Aleijadinho à frente da Basílica Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo, Minas Gerais.*

Diferentemente do Barroco europeu, que se voltou principalmente às exigências de um público aristocrático, o Barroco brasileiro nasceu e se desenvolveu em condições bastante distintas, ganhando características próprias, como as que se veem nas poesias do baiano Gregório de Matos.

Século XVII. O Brasil era o grande celeiro da cana-de-açúcar. Os colonos portugueses que vinham para cá estavam interessados na exploração da cana-de-açúcar e no enriquecimento rápido. Poucos entre eles sabiam ler e escrever. Entretanto, aos poucos foi surgindo na colônia um grupo de pessoas cuja formação intelectual acontecia em Portugal – geralmente advogados, religiosos ou homens de letras, na maioria filhos de comerciantes ricos ou de fidalgos instalados no Brasil. Essa elite foi responsável pelo nascimento de uma literatura brasileira, inicialmente frágil, presa a modelos lusitanos e sem um público consumidor ativo e influente.

A realidade brasileira era então muito diferente da portuguesa. Tratava-se de um centro de comércio, de exploração da cana-de-açúcar; de uma realidade de violência, em que se escravizava o negro e se perseguia o índio. Não se via aqui o luxo e a pompa da aristocracia europeia, que, como público consumidor, apreciava e estimulava o refinamento da arte.



Apesar disso, os modelos literários portugueses chegaram ao Brasil, e o Barroco, cujas origens se confundem com as da nossa própria literatura, deu seus primeiros passos. Não havia sentimento de grupo ou de coletividade: a literatura produzida em meio ao espírito de aventura e de ganância da mentalidade colonialista foi fruto de esforços individuais.

Aqueles que escreviam encontraram na literatura um instrumento para criticar e combater essa mentalidade, para moralizar a população por meio dos princípios da religião ou, ainda, para dar vazão a sentimentos pessoais profundos.

O Barroco no Brasil ganhou impulso entre 1720 e 1750, quando foram fundadas várias academias literárias por todo o país. Nas artes plásticas, esse desenvolvimento só aconteceu no século XVIII, quando, em decorrência da descoberta do ouro em Minas Gerais, construíram-se igrejas de estilo barroco no país.

A obra considerada tradicionalmente o marco inicial do Barroco brasileiro é *Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira, um poema que procura imitar *Os Lusíadas*.

Os escritores barrocos brasileiros que mais se destacaram são;

- na poesia: Gregório de Matos, Bento Teixeira, Botelho de Oliveira e Frei Itaparica;
- na prosa: Pe. Antônio Vieira, Sebastião da Rocha Pita e Nuno Marques Pereira.

### Pe. Antônio Vieira: a Literatura como Missão



*Vieira na redução das tribos de Marajó, em 1657, quadro de Theodoro Braga (1917).*

Antônio Vieira (1608-1697) é a principal expressão do Barroco em Portugal. Sua obra pertence tanto à literatura portuguesa quanto à brasileira.

Português de origem, Vieira tinha 7 anos quando veio com a família para o Brasil. Na Bahia estudou com os jesuítas e espontaneamente ingressou na ordem da Companhia de Jesus, iniciando seu noviciado com apenas 15 anos. A maior parte de sua obra foi escrita no Brasil e está relacionada com as inúmeras atividades que o autor desempenhou como religioso, como conselheiro de D. João IV, rei de Portugal, e como mediador e representante de Portugal em relações econômicas e políticas com outros países.

### O Homem de Ação

Embora religioso, Vieira nunca restringiu sua atuação à pregação religiosa. Sempre pôs seus sermões a serviço das causas políticas que abraçava e defendia e, por isso, se indispôs com muita gente: com os pequenos comerciantes, com os colonos que escravizavam índios e até com a Inquisição.

Valendo-se do púlpito – único meio de propagação de ideias às multidões no Nordeste brasileiro do século XVII –, Vieira pregou a índios, brancos e negros, a brasileiros, africanos e portugueses, a dominadores e dominados. Suas ideias políticas foram postas

em prática por meio da catequese, da defesa do índio e do domínio português sobre a colônia por ocasião da invasão holandesa.

Embora Vieira defendesse os índios da escravidão, seus sermões não tinham a mesma postura em relação à escravização dos negros. Limitavam-se a descrever a situação a que eram submetidos os negros e apontar-lhes a perspectiva de uma vida pós-morte que compensasse os sofrimentos em vida.

### O Visionário

Vieira teve também um pouco de sonhador e profeta e chegou a escrever três obras com esse conteúdo: *História do Futuro*, *Esperanças de Portugal* e *Clavis prophetarum*.

Baseado em textos bíblicos e nos textos e profecias do poeta português Bandarra, Vieira acreditava na ressurreição do rei D. João IV, seu protetor, morto em 1656. Essas ideias estão em sua obra *Esperanças de Portugal*, motivo por que, entre 1665 e 1667, foi processado e preso pela Inquisição, que ainda lhe cassou o direito de palavra em Portugal.

Nesse processo também lhe pesaram acusações de envolvimento com cristãos-novos (judeus convertidos ao cristianismo por medo de perseguições). Em vez de atacar os judeus, como se fazia em vários países católicos por influência da Inquisição, Vieira defendia a permanência e a entrada deles em Portugal como forma de estimular o comércio naquele país. Por outro lado, prevendo um “Terceiro Estado” da Igreja, tinha interesse em fazer um acordo teológico secreto com os judeus.

### O Orador

As qualidades de Vieira como orador são incomparáveis. Aliando sua formação jesuítica à estética barroca em voga, pronunciou sermões que se tornaram ao mesmo tempo a expressão máxima do Barroco em prosa sacra e uma das principais expressões ideológicas e literárias da Contrarreforma. Pregou no Brasil, em Portugal e na Itália, sempre com grande repercussão.

Entre a vasta produção do autor, que conta com mais de duzentos sermões e quintas cartas, destacam-se:

- “Sermão da sexagésima”: proferido na Capela Real de Lisboa em 1655, tematiza a arte de pregar.
- “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda”: proferido na Bahia em 1640, coloca-se contrário à invasão holandesa.
- “Sermão de Santo Antônio (aos peixes)”: proferido no Maranhão em 1654, ataca a escravização de índios.



- “Sermão do mandato”: proferido na Capela Real de Lisboa em 1645, desenvolve o tema do amor místico.

A seguir, um trecho do “Sermão da sexagésima”, um dos mais importantes de Vieira. Nesse sermão, o autor, ao mesmo tempo que desenvolve a temática religiosa, discorre sobre a arte de pregar por meio de sermões. O texto é um exemplo da grande e nunca superada habilidade de Vieira como pregador.

Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há de haver três concursos: há de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há de concorrer Deus com a graça, alumando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si mesmo e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles havemos de entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?

Primeiramente, por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos. [...]

Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os pregadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes. Provo.

Os ouvintes, ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles grande fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito. [...] a palavra de Deus é tão fecunda, que nos bons faz muito fruto e é tão eficaz que nos maus, ainda que não faça fruto, faz efeito; lançada nos espinhos não frutificou, mas nasceu até nos espinhos; lançada nas pedras não frutificou, mas nasceu até nas pedras. Os piores ouvintes que há na Igreja de Deus são as pedras e os espinhos. E por quê? – Os espinhos por agudos, as

pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos e ouvintes de vontades endurecidas são os piores que há. Os ouvintes de entendimentos agudos são maus ouvintes, porque vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e às vezes também a picar a quem os não pica. [...]

Mas os de vontades endurecidas ainda são piores, porque um entendimento agudo pode-se ferir pelos mesmos fios, e vencer-se uma agudeza com a maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa se aproveita a agudeza, antes dana mais, porque quando as setas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. [...]

[...] E com os ouvintes de entendimentos agudos e os ouvintes de vontades endurecidas serem os mais rebeldes, é tanta a força da divina palavra, que, apesar da agudeza, nasce nos espinhos, e apesar da dureza, nasce nas pedras.

Pudéramos arguir ao lavrador do Evangelho de não cortar os espinhos e de não arrancar as pedras antes de semear, mas de indústria deixou no campo as pedras e os espinhos, para que se visse a força que semeava. É tanta a força da divina palavra, que, sem cortar nem despontar espinhos, nasce entre espinhos. É tanta a força da divina palavra, que, sem arrancar nem abrandar pedras, nasce nas pedras. [...] Tomais exemplo nessas mesmas pedras e nesses espinhos! Esses espinhos e essas pedras agora resistem ao semeador do Céu; mas virá tempo em que essas mesmas pedras o aclamem e esses mesmos espinhos o coroem.

Quando o semeador do Céu deixou o campo, saindo deste Mundo, as pedras se quebraram para lhe fazerem aclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem coroa. E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triunfa; se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce; não triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações, não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes.

Supostas estas duas demonstrações; suposto que o fruto e efeito da palavra de Deus, não fica, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequência clara, que fica por parte do pregador. E assim é. Sabeis, cristãos, por que não faz fruto a palavra de Deus? – Por culpa dos pregadores. Sabeis, pregadores, por que não faz fruto a palavra de Deus? – Por culpa nossa.

*(In: Eugênio Gomes, org. Vieira – Sermões. 6. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972. p. 94-9)*

**Agudo:** perspicaz, sutil, penetrante.

**Alvedrio:** vontade própria, arbítrio.

**Arguir:** acusar, censurar.

**Concílio Tridentino:** o mesmo que Concílio de Trento, que deu origem ao movimento da Contrarreforma.

**Concorrer:** juntar-se, contribuir.

**Concurso:** afluência, encontro.

**De indústria:** de propósito.

**Mister:** necessidade  
**Persuadir:** convencer.

### **Gregório de Matos: Adequação e Irreverência**



*Gregório de Matos Guerra.*

Gregório de Matos (1633? – 1696) é o maior poeta barroco brasileiro e um dos fundadores da poesia lírica e satírica em nosso país. Nasceu em Salvador, estudou no Colégio dos Jesuítas e depois em Coimbra, Portugal, onde cursou Direito, tornou-se juiz e ensaiou seus primeiros poemas satíricos. Retornando ao Brasil, em 1681, exerceu os cargos de tesoureiro-mor e de vigário-geral, porém sempre se recusou a vestir-se como clérigo. Devido às suas sátiras, foi perseguido pelo governador baiano Antônio de Souza Menezes, o Braço de Prata. Depois de se casar com Maria dos Povos e exercer a função de advogado, saiu pelo Recôncavo baiano como cantador itinerante, dedicando-se às sátiras e aos poemas erótico-irônicos, o que lhe custou alguns anos de exílio em Angola. Voltou doente ao Brasil e, impedido de entrar na Bahia, morreu em Recife.

### **Irreverência e Esquecimento**

Gregório de Matos primou pela irreverência. Foi irreverente como pessoa, ao afrontar os valores e a falsa moral da sociedade baiana de seu tempo com comportamentos considerados indecorosos; como poeta lírico, ao seguir e ao mesmo tempo quebrar os modelos barrocos europeus; como poeta satírico, ao denunciar as contradições da

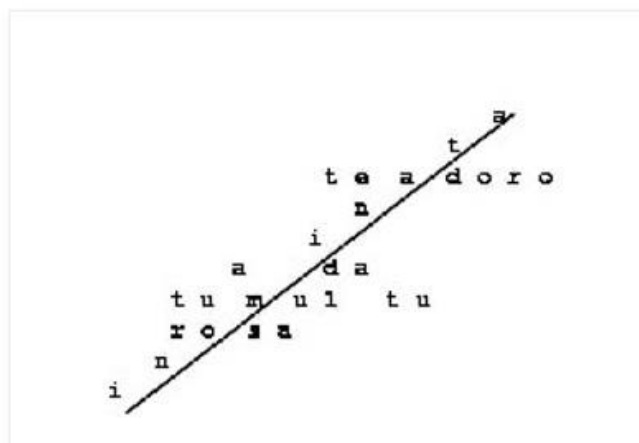
sociedade baiana do século XVII, criticando numa linguagem que agrega ao código da língua portuguesa vocábulos indígenas e africanos, além de palavras de baixo calão. Pelo fato de não ter publicado nenhuma obra em vida, seus poemas foram transmitidos oralmente, na Bahia, até meados do século XIX, quando então foram reunidos em livro por Varnhagen. Antes disso, houve algumas compilações de valor discutível, pois os copistas nem sempre seguiam critérios científicos para realizar esse tipo de trabalho. Por isso, há controvérsias sobre a autoria de alguns dos poemas atribuídos ao poeta baiano e é comum os textos apresentarem algumas variações de vocabulário ou de sintaxe, dependendo da edição consultada.

Apesar desses problemas, a obra de Gregório de Matos vem sendo reconhecida como aquela que além de ter iniciado uma tradição entre nós, superou os limites do próprio Barroco. Em pleno século XVII, o poeta chegou a ser um dos precursores da poesia moderna brasileira do século XX. Veja, como exemplo desse pioneirismo, a semelhança de procedimentos existente entre o seguinte poema de autoria dele e um poema de Manuel Bandeira (poeta do século XX).



(Gregório de Matos. *Poesias selecionadas*. São Paulo: FTD, 1993. p. 56.)

## Rosa Tumultuada



(Manuel Bandeira. *Estrela da vida inteira*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. p. 279.)

### Gregório de Matos: um plagiador?

O poeta baiano foi muitas vezes acusado de plágio. De fato, muitos dos poemas atribuídos a ele não passam de traduções ou adaptações para o português de poemas de outros escritores, como Gôngora, Quevedo, Camões e Sá de Miranda.

Antes de julgar Gregório de Matos, porém, é preciso supor que talvez ele tivesse a intenção de apenas traduzir esses poetas. Além disso, é necessário lembrar que, na época em que ele viveu, a autoria tinha um significado diferente do que tem hoje. Não era considerada expressão da individualidade de um artista ou sua propriedade intelectual. Antes do século XIX, era comum um pintor ou um poeta imitar outro, como meio de absorver-lhe as técnicas.

### A Lírica

Gregório de Matos cultivou três vertentes da poesia lírica: a amorosa, a filosófica e a religiosa. Como poeta lírico, adequou-se aos temas e aos procedimentos de linguagem frequentes no Barroco europeu.

A lírica amorosa é fortemente marcada pelo dualismo amoroso carne/espírito, que leva normalmente a um sentimento de culpa no plano espiritual. A mulher, muitas vezes, é a personificação do próprio pecado, da perdição espiritual.

Observe estes sonetos:



**À mesma D. Ângela**

Anjo no nome, Angélica na cara!  
Isso é ser flor, e Anjo juntamente!  
Ser Angélica flor, e Anjo florente,  
Em quem, senão em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara  
De verde pé, de rama florescente;  
E quem um Anjo vira tão luzente  
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se pois como Anjo sois dos meus altares  
Fordes o meu Custódio, e a minha guarda,  
Livrara eu de diabólicos azares

Mas vejo, que por bela, e por galharda,  
Posto que os Anjos nunca dão pesares,  
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

*(Poesias selecionadas, cit., p. 62.)*

**Sonetos a D. Ângela de Souza Paredes**

Não vira em minha vida a formosura,  
Ouvia falar nela cada dia,  
E ouvida me incitava, e me movia:  
A querer ver tão bela arquitetura:

Ontem a vi por minha desventura  
Na cara, no bom ar, na galhardia  
De uma mulher, que em Anjo se mentia;  
De um Sol, que se trajava em criatura:

Matem-me, disse eu, vendo abrasar-me,  
Se esta cousa não é, que encarecer-me  
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me:

Olhos meus, disse então por defender-me,  
Se a beleza heis de ver para matar-me,  
Antes olhos cegueis, do que eu perder-me.

---

(In: Antonio Candido e J. A. Castello. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: Difel, 1976. v. 1, p. 61.)

**Desventura:** má sorte.

**Galhardia:** elegância.

Em ambos os textos, a mulher é associada à figura de um “anjo”, que remete ao mundo espiritual e à pureza angelical contida no próprio nome *Ângela*. Além disso, ela é associada, nos dois textos, a elementos materiais e naturais. No primeiro texto, à flor de nome *angélica*; no segundo texto, ao Sol, um ser superior, dotado de grandezas absolutas e inacessíveis.

Mas, se o papel do anjo é proteger, o da mulher é bem outro. Nos dois sonetos, o eu lírico, seduzido pela beleza da mulher, é levado o desejo e, conseqüentemente, ao pecado. Por isso, no segundo texto, o eu lírico, num apelo dramático aos próprios olhos (centro de percepção visual e origem do desejo), pede a eles que se ceguem. Do contrário ele será conduzido à morte, isto é, à perdição espiritual. Eis o drama amoroso do Barroco: o apelo sensorial do corpo se contrapõe ao ideal religioso, gerando um sentimento de culpa.

**Pequei, Senhor...**

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,  
De vossa alta clemência me despido;  
Porque quanto mais tenho delinquido,  
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vós irar tanto um pecado,  
E abrandar-vos sobeja um só gemido:  
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,  
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma orelha perdida e já cobrada,  
Glória tal e prazer tão repentino  
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,  
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,  
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

(In: *Livro dos Sonetos*, LP&M Editores, 1996, RS)

### A Sátira

Conhecido também como “o Boca do Inferno”, em razão de suas sátiras, Gregório de Matos é um dos principais e mais ferinos representantes da literatura satírica em língua portuguesa. A exemplo de certos trovadores da Idade Média, o poeta não poupou na sua linguagem nem palavras nem críticas a todas as classes da sociedade baiana de seu tempo. Criticava o governador, o clero, os comerciantes, os negros, os mulatos etc. Observe a primeira e as duas últimas partes do poema abaixo, em que Gregório de Matos critica a situação política e econômica da Bahia.

Que falta nessa cidade? ..... Verdade  
Que mais por sua desonra ..... Honra  
Falta mais que se lhe ponha ..... Vergonha.

O demo a viver se exponha,  
Por mais que a fama a exalta,  
Numa cidade, onde falta  
Verdade, Honra, Vergonha.

[...]

O açúcar já se acabou? ..... Baixou  
E o dinheiro se extinguiu? ..... Subiu  
Logo já convalesceu? ..... Morreu.

À Bahia aconteceu  
O que a um doente acontece,  
Cai na cama, o mal lhe cresce,  
Baixou, Subiu, e Morreu.

A Câmara não acode? ..... Não pode  
Pois não tem todo o poder? ..... Não quer  
É que o governo a convence? ..... Não vence.

Quem haverá que tal pense,  
Que uma Câmara tão nobre  
Por ver-se mísera, e pobre  
Não pode, não quer, não vence.

(Gregório de Matos. *Poesias selecionadas*, cit., p. 126-7)

A sátira constitui uma das partes mais originais da poesia de Gregório de Matos, pois foge aos padrões preestabelecidos pelo Barroco português ou ibérico e se volta para a realidade baiana do século XVII. Por isso, pode ser considerada poesia brasileira, não somente pelos temas escolhidos, mas também pela percepção crítica da exploração colonialista empreendida pelos portugueses na colônia. Além disso, Gregório emprega na sátira uma língua portuguesa diversificada, brasileira, repleta de termos indígenas e africanos (que refletem o bilinguismo ou o trilinguismo da época), de palavrões, gírias e expressões locais.

Por essas razões é que a poesia de Gregório de Matos – ao abrir espaço para a paisagem e a língua do povo – talvez seja a primeira manifestação *nativista* de nossa literatura e represente o início do longo processo de despertar da *consciência crítica* nacional, que levaria ainda um século para abrir os olhos com os primeiros gritos de revolta dos inconfidentes mineiros.

## Exercício

### 1. Sermão da Sexagésima

Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto “Não h’um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta, tão grande e tão importante dúvida, será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir.

(VIEIRA, A. *Sermões escolhidos*. v. 2. São Paulo: Edameris, 1965.)

No Sermão da Sexagésima, Padre Antônio Vieira questiona a eficácia das pregações. Para tanto, apresenta como estratégia discursiva sucessivas interrogações, as quais têm por objetivo principal

- Provocar a necessidade e o interesse dos fiéis sobre o conteúdo que será abordado no sermão.
- Conduzir o interlocutor à sua própria reflexão sobre os temas abordados nas pregações.
- Apresentar questionamentos para os quais a Igreja não possui respostas.
- Inserir argumentos à tese defendida pelo pregador sobre a eficácia das pregações.
- Questionar a importância das pregações feitas pela Igreja durante os sermões.



## ***Gabarito***

**1.** A